

Ar livre

Primavera paulistana

Novas concepções de vida urbana podem ser construídas. Afinal, toda cidade merece se reinventar, diz urbanista

Laura Sobral

Em um momento em que a internet abre janelas para tantos lugares do mundo, com mais qualidade de vida, onde os voos baratos nos levam às cidades mais agradáveis, seguras e justas, a carranca da São Paulo nervosa, engarrafada e poluída cola cada vez menos.

Na nossa cidade cromofóbica, a regra até ontem era se isolar, com o enclausuramento só aumentando a tensão e o medo.

A geração Y, com amplo acesso a informação e movida por propósitos pessoais ligados à melhora do mundo – ou melhor dizendo, à salvação do homem do que ele mesmo criou – não aceita viver de braços cruzados em uma cidade como São Paulo. Citando o arquiteto e professor da USP Guilherme Wisnik, “se no período do industrialismo do pós-guerra, os espaços públicos foram sacrificados pelas rodovias, agora é o momento contrário, de essas estruturas rodoviárias serem sacrificadas e retomadas em nome do uso público”. O espaço público é onde novas concepções e configurações de vida urbana podem ser pensadas e construídas, onde a cidade pode se reinventar.

Estamos vivendo o surgimento de urgência em relação à cidade. Uma vez que é emergente, dentro de parte da sociedade civil, a

busca por ser agente gerador do que é o urbano, segue-se a busca de quais são os processos urbanos que regem a cidade. Quem constrói nossas cidades, para quem e para quem?

Provocadas por esses e outros questionamentos, despontam iniciativas que propõem transformar a dinâmica urbana pela ampliação do vocabulário do que pode ser essa cidade, alimentando o imaginário da cidade que queremos. Jovens lideram uma série de movimentos que têm como objetivo a participação da sociedade civil na produção da cidade. A ocupação de espaços públicos emblemáticos da cidade tem mobilizado milhares de cidadãos, em movimentos que propõem novas formas de usar, ressignificando esses lugares.

Com mais vida nas ruas – mais gente e menos carros – a atmosfera de uma cidade melhora. Quando se faz referência a uma cidade, muitas vezes nossas lembranças nos levam ao “lado de fora”, aos seus espaços públicos. É no caminhar do pedestre que a cidade dá o seu recado, gravando na memória as belas ruas de Paris, as mesinhas nas calçadas dos cafés de Buenos Aires, as fachadas dos arranha-céus que emolduram a paisagem de Chicago.

Um grupo de amigos pula corda e um bebê brinca enquanto amigos adolescentes tomam sol de biquíni. Seria uma descrição normal para uma tarde de domingo no Par-

que Ibirapuera, mas aconteceu no asfalto da Avenida Paulista no último dia 23. Essa foi a segunda vez que a Paulista esteve aberta para as pessoas, e já há várias movimentações pedindo mais. Um exemplo é o manifesto contra a judicialização de políticas públicas pelo Ministério Público Estadual (MPE) – que abriu inquérito sobre a abertura da Avenida Paulista para lazer aos domingos – assinado por diversas organizações da sociedade civil.

São Paulo não está sozinha nessa ideia de ativar seus espaços públicos, é um movimento global das metrópoles. No dia 27 de setembro, Paris abrirá suas principais avenidas para os pedestres durante um dia inteiro, em ação inédita pela mobilidade sustentável.

Certamente essa primavera paulistana envolve um pouco da intensa energia comunitária que floresceu nos “anos de chumbo”. Os movimentos contemporâneos buscam uma religação afetiva com os espaços degradados ou abandonados da cidade, com o que foi expulso ou esquecido. O que hoje se apresenta de forma corriqueira na cidade de São Paulo – a mobilização de milhares de pessoas pela reivindicação pelo Parque Augusta ou em torno da polêmica do destino do Minhocão – acontece no mesmo cenário de mil, há menos de 50 anos, foi proibido que os cidadãos se expressassem livremente. Era inimaginável a atuação firme de movimentos que questionassem os rumos do desenvolvimento urbano de São Paulo. Somos destreinados em pensar a cidade de maneira ampla, mas

estamos aprendendo rápido.

Uma dura realidade é que se no Centro ainda ocorrem cenas de repressão dignas dos anos militares, elas são ainda mais frequentes nas bordas da cidade. Com tantos grupos mobilizados quanto no Centro, a periferia resiste em achar no seu cotidiano a democracia que pretendemos. A atividade de muitos movimentos pró-cidadania ainda é tachada como criminosa.

Ainda temos um longo caminho a percorrer, mas é inegável que há uma onda otimista em relação a São Paulo. Nossos corações se enchem de esperança quando ouvimos que o rio Tâmis, em Londres, era biologicamente morto e reviveu em menos de 50 anos. Ou que tal cidade asiática substituiu suas marginais entupidas de carros por um lindo parque linear.

Crescemos achando que, em São Paulo, lazer era ir ao shopping e que para se deslocar tinha que usar o carro. Hoje dá pra pensar em outros destinos para a capital paulista. O que precisamos fazer para que essa ânsia por uma cidade melhor não seja apenas uma onda passageira, mas, sim, uma real mudança de paradigma?

Certamente mais necessária que essa resposta é nos mantermos fazendo perguntas, é buscarmos a cidade que queremos na selva de pedra nossa de todo dia. O futuro de São Paulo estamos todos construindo, dia após dia.

* **Laura Sobral** é urbanista e membro do Instituto A Cidade Precisa de Você

MARCO CARVALHO/ESTADÃO



Paulista 40°C
Ao saírem os carros, entram as pessoas e o improvável transforma-se em natural

Xiii, vazou

Pânico na rede

Moralismo, ganância e suicídio na história da invasão hacker a um site de relacionamentos extraconjugais

Sergio Augusto

O dia 18 de agosto talvez entre para a história como o 11 de Setembro da internet. Ou da prevaricação virtual, já que o World Trade Center da vez foi o mais acessado site de relacionamentos extraconjugais da grande infovia. Invadido por um grupo de hackers, que se aproveitou de uma falha no seu sistema de segurança, o Ashley Madison (slogan: “A vida é curta. Curta a vida”) espalhou o pânico mundo afora, inclusive entre brasileiros, a segunda maior clientela do site, infartou pelo menos um usuário e levou outros dois ao suicídio quando 9,7 gigabytes de informações pessoais arquivadas em seu banco de dados vazaram pela internet.

Usando um endereço (.onion) acessado através do Tor, o navegador de comunicação anônima preferido dos nerds, os hackers do Impact Team abriram as contas de 32 milhões dos seus 40 milhões usuários e divulgaram nomes, endereços fixos e de e-mail, datas de nascimento, dados físicos, hábitos e preferências sexuais, mais os registros das transações combinadas e os números e senhas dos cartões de crédito com os quais elas foram pagas.

Foi um estrago sem precedentes. Um estrago conjugal, moral, familiar, profissional e econômico, que deixou no chinelo o vazamento interno da Sony de algum tempo atrás e a divulgação de centenas de fotos

íntimas de celebridades, no ano passado.

Ao Ashley Madison e sua companhia controladora, a canadense Avid Life Media, com sede em Toronto, a encenra rendeu, de saída, dois processos individuais, outro coletivo, e um prejuízo provisoriamente orçado em US\$ 348 milhões, a ser absorvido por bancos e empresas de cartões de crédito.

Outros processos virão, se já não vieram. Todos merecidos. Afinal, o único deslize rigorosamente indiscutível em todo esse imbróglio foi cometido pelo site, que não soube sequer proteger seu armazena-

Prevaricadores virtuais. Militares, empresários e figuras do clero entre a clientela

LEE JIN-MAN/AP



O site de encontros fora do casamento Ashley Madison foi invadido por um grupo de hackers e teve os dados de 32 milhões dos 40 milhões de cadastrados no serviço vazados na rede. Os brasileiros estão em segundo lugar na lista de principais usuários do sistema.

mento de dados com uma rudimentar fechadura criptográfica.

No início da semana, John McAfee, o excêntrico milionário escocês que criou o antivírus McAfee, difundiu a hipótese de que o vazamento fora “coisa de mulher sedenta de vingança”, um ato de terrorismo feminista contra os mulhereiros que pulam a cerca na grande infovia. A tese é plausível, mas os fatos a desmentem. O raide do dia 18 foi o segundo do Impact Team ao Ashley Madison em 45 dias. O primeiro, em julho, desdenhado pelo então diretor-presidente do site, Noel Biderman, como uma retaliação de algum funcionário insatisfeito, ficou mais no plano da ameaça: ou Biderman fechava o serviço ou sua clientela arcaria com as consequências.

Biderman não fechou o serviço. Nem parou de reter os dados dos clientes após o desligamento. Nem deixou de cobrar uma taxa extra de US\$ 19 para apagar o histórico dos usuários. Pior: não os protegeu convenientemente da bisbilhotice alheia. Pressionado, demitiu-se na última sexta-feira. Nunca inspirou confiança. Segundo a revista online *Motherboard*, tudo fez para se apropriar dos dados pessoais dos clientes de um site concorrente, a seção de encontros amorosos da revista eletrônica *Nerve.com*.

Hackers são ladrões de informações, espíões eletrônicos. Para o bem (caso de Edward Snowden, nêmesis da Agência Nacional de Segurança dos EUA) e para o mal, como Biderman tentou ser. Os corsários digitais que invadiram a maior rede de prevaricadores da internet poderiam ser enquadrados na primeira categoria, mas o *fuckleak* por eles deflagrado, embora possa funcionar como um freio ao excesso de confiança e satiriasse de milhões de internautas, não beneficia ninguém.

Apropriando-se da retórica da transparência e do acesso democrático, os anônimos templários eletrônicos do Impact Team, teoricamente empenhados em expor maridos hipócritas e fêmeiros poderosos, montaram uma cruzada moralista, vitoriana, contra a tartufice conjugal, pondo

em risco até quem não merecia pagar o pato. Sua crítica, legítima, à falta de proteção à privacidade dos clientes perde um pouco (ou muito) de sentido quando a estes qualificam de “cheating dirtbags”. Se são traidores imundos talvez não mereçam as benesses da privacidade.

Ao dispor aquele chorrilho de intimidades ao alcance de qualquer clique, sites do gênero trombadinha, como 4chan e PasteBin.com, fizeram a festa, postando o que podiam e o que talvez não deveriam. Pois nem todo usuário do Ashley Madison creneia a esposa e nem todo prevaricador frequenta o Ashley Madison. Como o site não checka a autenticidade das assinaturas dos clientes, é grande a frequência de nomes falsos, de fachada. Muitos se apropriam de identidades alheias e, mesmo entre aqueles que se inscrevem com o próprio nome, é expressiva a quantidade de curiosos que apenas visitam o site para ver do que se trata e candidatos a pular a cerca que não osam ir além do flete virtual.

Em meio a artistas, funcionários de governo, militares, empresários, professores, estudantes e figuras ligadas ao clero, já descobriram até o endereço de e-mail oficial de Barack Obama, obviamente apropriado por alguém mais cioso de seu anonimato que de sua segurança. Se pagou com cartão de crédito, pode ser facilmente desmascarado.

A situação dos militares e do clero é mais delicada. O adultério viola o Código de Justiça das forças armadas americanas e é pecado irremissível para a Igreja. Ainda mais delicada é a situação de gays que preferem continuar no armário a arriscar-se a perder o emprego e integrantes de governos de países, como o Irã, por exemplo, onde chifrar o cônjuge é crime passível de punição por chibatadas e apedrejamento.

Quando um membro do governo iraniano apareceu numa lista de fregueses do Ashley Madison, postada no PasteBin.com, até os muezins de Teerã ficaram torcendo para que se tratasse de mais um caso de usurpação de identidade.

Embora possa ser um freio ao excesso de confiança dos internautas, o 'fuckleak' não beneficia ninguém